

MAU TÍTULO DE ENTREVISTA

No dizer do Des. Luiz Fernando Ribeiro de Carvalho, no seu *Justiça Em Mutação* (Ed. Lumen Juris, R. Janeiro, 2008, págs. 303 e 307), “Imprensa e Judiciário têm vivido, no Brasil, ao longo dos anos, um conturbado relacionamento. No entanto, ambos exercem funções essenciais ao fortalecimento da cidadania e à construção da ordem democrática”. “Mesmo apontando a existência de mazelas- certamente existentes – no sistema judiciário, ele alerta para os riscos decorrentes da postura comodista de sacralização da primeira versão, quando se abordam fatos de *temperatura* mais elevada”.

As assertivas datam de quase sete anos. Mesmo assim, ainda que imperceptíveis, na maioria, qualquer intenção funesta de desrespeito aos objetivos do Judiciário ou da Imprensa, lê-se, com todas as letras, em O GLOBO deste sábado, 13.12.14, entrevista do Desembargador eleito, intitulada: Novo presidente do TJ critica polícia.

O mal, embora involuntário, muito provavelmente, se lança no proscênio da relação social. O presidente eleito, ainda não empossado, não criticou a polícia, em termos genéricos, como faz crer o título da entrevista. No apressado da vida, muita vez, o título é a única leitura. O desmentido passa ao largo.

Não deixem de ler a matéria. De seis parágrafos, o inaugural fala de conciliação e diálogo, ressaltando o objetivo de melhorar; em dois deles, os mais centrais e importantes, utilizam-se expressões como “pode ter ocorrido” e “em alguns casos”, indicativas de excepcionalidade, indubitavelmente; admite-se claramente, em dois outros, o erro do Judiciário, ficando por último, além do reconhecimento das dificuldades quantitativas dos julgadores, a sugestão de emprego de medidas ditas alternativas, conciliação, mediação ou arbitragem, em franca demonstração dos nossos limites e vontade de acertar.

Pensem bem. Entre vontade de acertar e autorreconhecimento de mazelas, a crítica à polícia, mal traduzida, por sem dúvida, ingressa no desprezo da exortação ao diálogo e da grande melhora da tratativa social destinada aos eternos “clientes” das condenações: preto, pobre e puta.

Estamos aguardando – desesperançados- o conserto deste deslize emblemático. A entrevista estaria mais bem intitulada se dissesse: Presidente eleito do TJ chama para o diálogo, ou reconhece mazelas, ou ainda explica desencontros... sei lá. Qualquer coisa, menos a distorção da realidade. Não houve crítica generalizada a qualquer instituição.

O embate entre a Imprensa e a Justiça há de continuar. É óbvio. Mas que se eliminem enganos prejudiciais ao único objetivo considerável neste diálogo: o esforço em direção à melhora das instituições, à informação fidedigna, à maior amplitude do fazimento de justiça.

Meu colega, que julga diariamente episódios deste jaez, que esta pequena fotografia lhe sirva de estímulo e de solidariedade. Que a mídia se conscientize de seu papel na missão de bem informar. Que todos tenham um bom período de festas e um ano novo com energia e força para o cumprimento dos desígnios de cada um.

Rio de Janeiro, 15.12.2014.

ANTONIO CARLOS ESTEVES TORRES